

João Luís Dias

SONHO EM HORA DE PONTA

EDIÇÃO DO AUTOR

Se "Ecos dum Silêncio" foi o primeiro fruto de um indesmentível talento poético, julgo não exagerar se concluir que, com essa publicação, o João Luís assumiu, perante os seus contemporâneos, responsabilidades que, de forma alguma, pode iludir.

Agora surge "Sonho em Hora de Ponta" que para além de mostrar os excelentes dotes poéticos e literários do autor será: um "... apreciar a riqueza da nossa permanência e a razão do querer adiar o adeus que agora chegara. Um adeus que a saudade fará recordar, sempre que outro Verão acorde!..."

Se mais não houvesse, os poemas Serenata em Tom Menor e Como Podem Cantar os Anjos, repassados de vívida esperança, justificariam, só por si, esta nova publicação. E que o João Luís continue a publicar.

JOSÉ ARAÚJO

Poesia pode ser a livre expressão de um sentir a realidade, mas também pode ser a libertação do imaginário. Um poema nunca está sujeito a modas ou épocas — é livre de barreiras temporais.

Poesia é liberdade.

O João Luís escreve sobre a sua forma de sentir, sobre os seus sonhos e sobre episódios fictícios sem quaisquer restrições. Escreve em liberdade. Faz poesia.

SÉRGIO OLIVEIRA

SONHO EM HORA DE PONTA

João Luís Dias

SONHO EM HORA DE PONTA

PREFÁCIO
DE CARLOS PEREIRA

EDIÇÃO DO AUTOR

TERRAS DE BOURO - 1992

Agradecimento à
CÂMARA MUNICIPAL
DE TERRAS DE BOURO

SONHO EM HORA DE PONTA

Venho dum dia distante...
Trago um sonho a delirar!...
Cerquem a luz um instante,
Deixem o sonho durar!...

Venho dum dia quebrado...
O sonho sobrou comigo!...
E, sendo meu aliado,
Foi meu impulso... e abrigo!

Venho dum dia verdade!
Duma manhã que não foi!...
Duma dor que ainda doí!

O sonho, minha entidade,
Cercou-me... cuidou de mim!
Não o acordem por fim!...

OLHAR, FUSÃO

Deixa-me olhar teu sorriso,
Nesse encanto vadiar...
Dele beber eu preciso
Pr'a minha sede calar!...

Deixa-me olhar teu olhar...
Esse brilho incandescente,
Que sempre sabe ocultar
Tanta sede que ele sente!

Deixa-me fundir nas chamas
Que irradias ao olhar...
Deixa esta sede calar!

Deixa-me olhar onde olhas,
Incendiar onde arder...
Perpetuar ao beber!...

BEIJOS QUE ME CALARAM

Em teus lábios de cristal,
Entre os beijos que bebi,
Gravei pedrinhas de sal
Duma lágrima que escondi.

Quando senti os teus beijos
Bailar no meu coração,
Ouvi um mar de desejos
Travar o folgo à razão!

A lua, tão curiosa,
Imóvel permaneceu...
Fingindo a guarda do Céu.

A noite ficou airosa,
As estrelas despertaram...
Não resistiram... coraram!

MENINA EM FLOR

Senti um rasgo na alma, o olhar feito em espantol

Não tive um sonho ou miragem...

Não era história de encantol

Era uma flor que ali estava a emprestar o perfume,
as suas folhas brilhavam, o seu olhar era lunel...

Não era um lírio, uma rosa...

— Nunca vi flor como esta!

Era uma menina em flor e o seu jardim estava em festa!

Fiquei preso, quase mudo, com o olhar fervescentel

Sentei-me a um canto e olhei...

Só a vi, não vi mais gentel

No ar soava o acorde de uma viola a gritarl...

Tocava só para ela, só para ela dançar...

Deslizou como uma pluma,
soltou as folhas pelo chão...
Apanhei-as uma a uma;
gravei-as no coração...

MULHER DO MINHO

Mulher do Minho, de garra e brio,
Bronzeia ao sol, tempera ao frio!
Se a brisa sopra ao seu coração,
Descalça os pés, rasga-os no chão!...

Seu jeito é lindo, salpica em esperança!..
Mulher do Minho, seu corpo dança...
Brilha ao luar, ferve ao sol-pôr,
Seu olhar semeia... rebenta em flor!

Dela manhã, logo ao raiar
Os campos verdes vai despertar...
Mulher do Minho ceara ao ventol...
Seu corpo é fruto doce e sumarentol

Seus lábios vertem... são fonte franca!
Se bebem deles a sede estanca...
E fica água, vai para o mar!...
Mulher do Minho, mulher sem par!

CAIS DA PARTIDA

E mais um filho partia
daquele cais sobre o mar!...
Levava a esperança que um dia
a este cais voltaria
para voltar a chorar...

Mais um filho que partia
daquele cais sobre o mar!...

Ficavam gritos, revolta,
epitáfios, orações,
almas boiando em desgosto,
crianças tristes, paixões...
Desgraça vagueia à solta
na manhã fria... aos serões!...

E sempre assim, dia-a-dia,
com o coração a abafar...
Mais um filho que partia
daquele cais sobre o mar!

MARIAMAR

Mariammar, solta o ventre... não fiques presa no cais!...

Olha as ondas que te cercam!

Como agitam!...

Como dançam!...

Perde-te nelas... sem procurares onde vais!

Mariammar, não recues, enfrenta as águas com fé!

Deixa que a margem reclame;

que toda a praia sufoque;

que chore...

se enlute!

Deixa-lhes tudo!...

Lança-te em qualquer maré!

Adoga o mar com teus lábios!

Ensina a água a beber!

Quanta sede sente o mar, quanto castigo não sofre,

se demora o entardecer!...

Vai nas ondas, Mariamar, vê-as na costa bater!
Grita forte, ralha ao sol, obriga o Céu a brilhar!
À noite canta às estrelas, ensina a lua a dançar!
Ondulando, sonha ao ventol...
Adormece, Mariamar!
Vais de viagem no tempo... noutra praia vais parar!...
Não te enxugues!... Mariamar!

SONHO APENAS

Um dia, à hora da tarde adormecer,
emalaste nos teus braços
a sede que sempre solidificou
e permaneceu amontoada na angústia de te querer.
Os meus braços, quebrados no teu corpo,
seguraram, por instantes,
a razão e o coroar da minha espera,
os alicerces da minha resistência,
a ternura do meu sentir,
tanta vez, mergulhado nas águas cansadas
dum pranto impiedoso!
Dos teus lábios
saíam palavras quebradas por silêncio:
talvez um poema que me guardavas
ocultado na sombra da tua timidez
que na solidão te falava,
e por isso o acorrentaste

para não permanecer isolada
entre as paredes que te adormeciam.
Ao tocar nas tuas mãos,
caprichosamente rendilhadas,
senti um "mundo" com coesão entre as pedras
que o edificam
e que tempestade alguma fará tremer!...
Ao beijar o teu corpo trémulo
diligiei-me num rio perfumado
que sempre me seduziu,
mas onde nunca me atrevi a mergulhar!
Naquele momento, embalado no teu corpo,
mastigando os teus suspiros de emoção,
olhei carinhosamente as lágrimas
que no teu rosto deslizavam.
Quis embriegar-me no brilho que delas reflectia...
enxuguei-me no teu cabelo já humedecido

e por isso ainda mais acolhedor.
Naquele dia, quando a tarde já dormia,
colámos os nossos lábios,
apertámos vigorosamente as mãos
e esperámos em silêncio
o despertar do nosso amor!

O CAIS DOS TEUS OLHOS

Como é bom olhar-te e permanecer!...
Fixar-me, incansadamente, nos teus olhos
e sentir que só eles me vêem,
só eles me ensinam,
só neles me perco por vezes e sempre me encontro.
Nos teus olhos confundo e perco a razão!
Essa razão que me cerca...
Essa razão que falta...
Essa razão que eu não sei se tem razão!
Como é bom olhar nos teus olhos
e inventar neles um cais...
Do qual eu parto e me liberto;
no qual eu quebro e me reparto;
no qual me sento e, aguardando, me prendo...
E, quando nele me deito, adormeço de verdade!
No cais dos teus olhos,
é limpa a água que me refresca.
No cais dos teus olhos,

são fortes as ondas que abraço.
No cais dos teus olhos,
são gentis as pedras onde me instalo;
pedras que se movem e, desprendidamente,
me oferecem todo o conforto dum sono.
No cais dos teus olhos,
entre estrelas multicolores,
há sempre luz e calor...
Há sempre festa e crianças...
Há sempre sonho e poetas...
Há sempre mãos que se tocam, que se molham
e sempre levantam fervural
No cais dos teus olhos,
entre corpos que se abraçam,
entre bocas que, enlouquecidas, se unem,
há sempre beijos que, liquefeitos, se entregam...
Há sempre um cais que fica na nossa memória...
Quando se está no cais dos teus olhos!...

VEM

Vem e acorda o meu sono!...
Fala-me de ti,
dos sonhos que te embalam
e contigo adormecem
nas noites feitas de azul,
coloridas pelo teu olhar!
Corre, antecipa-te ao
amanhecer que te espera.
Adia os sobressaltos
que, sempre, com a manhã
se levantam,
que apagam o tom azul
que te envolve
e calam o silêncio
que te encanta...
E mergulha nas águas calmas

de um oceano sedutor...
que um dia teimaste em inventar!
Vem, traz as folhas caídas
no Outono, as chuvas frias de Inverno,
as flores que na Primavera te saúdam
e perfumam a paisagem que transportas!
Vem, traz contigo
as conversas que te
prolongaram os serões.
Vem, traz o sorriso que ilustra
a tua alegria
e realça a beleza que irradias!...
Vem, simplesmente!

À NOITE

A ti,

que te encantam as estrelas
sempre que à noite as embalas
com o curioso despertar do teu espanto,
como crianças perdidas num sono,
ávidas de sol e manhãs;
como cearas cansadas do pó estéril,
que a sede ameaça e lentamente mutila..
Há-de a noite, numa noite,
fazer-te um dia só teul...

A ti,

que incendeias a lua
quando à noite a interrogas;
lhe contas os sonhos dos teus sonhos;
as verdades das estradas que rompestes;
os vícios que nas madrugadas vacilam

e nas esquinas se entranham
como fungos putrefactos...

Há-de a noite, numa noite,
fazer-te um dia só teul...

A ti,

que te sentas na noite,
mas que na noite não dormes;
que te confundes na noite,
mas te levantas e gritas
quando um gemido te soa...

Há-de a noite, numa noite,
fazer-te um dia só teul...

SEMPRE O TEMPO

Hoje, dia da minha devoção, quis acreditar na noite que adivinhava bela, longa e de sonho ímpar!

Acendi a luz, pensei... nada me ocorria... quase nada!

Preveni o sono para a inevitável demora, para o massacre anunciadol
O relógio, símbolo de um inventário esquecido, permanecia na parede, outrora fixo e corcado, imóvel, mas com a imponência de um verdadeiro senhor do tempo!

Os seus ponteiros cansaram — quanta resistênci!!! O pêndulo, já carcomido, adormeceu. O relógio está parado! O tempo, não compadecido, foi implacável! O tempo... Sempre o tempo!....

Bem, poupei ao velho relógio um cronometrar extra; uma missão fora de horas... uma impaciência! De vez em quando olho para ele; finjo-o juiz, cuja sentença não temo. Que bom é não temer! Será?!... Enfim, não me vou romper em interrogações. Vou concentrar-me naquilo que me propus: escrever um poema a explodir em cor... uma prosa de encanto; falar do sol e das flores; somar as loucuras, desejos e beijos do entardecer; cobrar ao vento aquilo que me levou!...

Ah! e as brincadeiras de criança: o jogo das escondidas; as canções à porta do sono, depois de um dia de glória conquistada. Sentimo-nos os verdadeiros ídolos das estrelas. Que força nos ofereciam as estrelas! Que verdadeiro aplauso nos dava o incansável silêncio da noite e do céu! Ah!, como os amigos queriam e sabiam repartir a emoção!... Ah como as crianças, naturalmente, se elevam!...

Hoje fiquei-me pelo intróito do pensamento. Amanhã, na noite bela que acredito, vou continuar a pensar... e direi... com as palavras que vadiarem no meu coração!

ENQUANTO A CHUVA CAI

A chuva, finalmente, caía!...

— É benção!...

As intempéries já humedeceram os pés a quem, por vezes, atormentam de brilho!

Não gemem mais os passos nas cortinhas!...

A chuva caía... eu, assim, compensava o meu cansaço!

Os rios iriam crescer, as águas correr, as fontes dilatar e eu... parar!

Vou só andar devagar, muito devagar, como devagar andamos quando, precipitadamente, corremos!...

Vou aproveitar o silêncio que me cerca, a suavidade das gotas de água que deslizam nos vitrais, a coragem das folhas encharcadas e em sufoco!

Vou andar, tal qual a boa vontade daqueles a quem a sede vai dilacerando a alma... cegando ruidosamente!

É noite, a chuva cai, as aves desprevenidas adormecem sem lamentar!

Que nobre e singular exemplo nos dão! Como irão cantar lindo quando amanhecer, mesmo que a chuva inunde o céu e não canse...

e as isole nos ninhos! As aves sabem esperar! Irão cantar, esperando!

Vou escutar, perder-me no timbre que ecoar!

Enquanto chove, enquanto as aves, pacientemente, esperam, enquanto os rios transbordam, eu recordo... lembro a chuva de outras noites!...

Vou izar memórias, percorrer paisagens, colorir sonhos...

Vou, enquanto a chuva cai, fazer tudo ao sabor deste silêncio!

Vou querer não adormecer!...

MEMÓRIA

(Ao último galo que me acordou)

Esta manhã não foi manhã de verdade!...

Surgiu a madrugada, o dia clareou, o sol rasgou, outra vez, a neblina...
mas esta manhã não foi manhã como as outras!...

Despertou-me o sobressalto, entonteceu-me o silêncio, uma amarga
ausência gretou-me o pensamento... nas veias o sangue rarefez-se!
Esta manhã não ouvi o galo cantar; não foi ele o meu despertar!

O símbolo da madrugada adormeceu!

Calou-se a impertinente ternura do amanhecer!

O sublime canto não mais ecoa entre os cristais da manhã!

Jaz no chão frio e enlameado o altivo carrasco do sono!

Duniu-o a lei que o coloriu!...

Ele, que nunca nada o coroou, que nunca nada soube querer, legou
a nostalgia que sempre alimentou o levantar e correr em tantas
manhãs!...

Requiem por ele!...

TAL COMO AMANHÃ

Hoje, apenas queria ouvir-te.

Queria permanecer imóvel a um canto do silêncio,
o qual só tu pudesses acordar com um sorriso ou
um pranto, com um lindo conto de outrora, que
em criança decoraste, ou com um relato que cedo
começaste a desenhar, e que ainda hoje ilustras
com o rigor e brilho que te é peculiar...

Hoje, não quero adormecer sem que, no canto onde
me encontro imóvel, uma lágrima tua me enfeitice,
e só o teu sorriso o saiba quebrar, sem que um
grito teu me cause temor...e um gesto me cubra
de ternura.

Hoje, só vou sonhar se me prometeres que também
tu lhe vais abrir as portas...se acreditares no
encanto que te espera ao longo do caminho que o
horizonte te traçou... se tomares consciência de
que a paisagem empobrece se o teu jardim parar

de florir e que o sol brilha com mais alegria se incidir no teu sorriso, que teima em colorir o espaço que o cinzento ocupal...

Hoje, tal como ontem, vou sonhar!... Acredito, cegamente, que vais partilhar da "festa" que te esperal...

Hoje se, levemente, tocarem na tua mão inquieta, não será o horizonte, o sol ou a paisagem que o fará! Será alguém que, no canto, imóvel e em silêncio, te dirá que ouviu e sentiu tudo aquilo que com a noite, corajosamente, soubeste partilhar!...

VERÃO, ADEUS E SAUDADE

No chão, projectadas pelo sol, as nossas sombras reflectiam o peso da intensidade do verão... que tão depressa teimou aparecer!
Um pedaço de cada um de nós iria quebrar, deixando a flutuar num sonho a saudade que sempre num sonho adormece e apaga!
Para trás, nos longos dias que sempre, em vão, quisemos prolongar, ficava, gravado em inventário, beijos e desejos que o vento se encarregará de esconder num arquivo de recordações.
Um adeus seria o espelho e o coroar das horas que nos alimentaram desejos e promessas; dos momentos em que juntos compartilhámos retalhos do passado; das manhãs em que de mãos dadas olhámos e sentimos a Primavera sorrir entre os jardins que a coroavam.
Enfim, um olhar, seria o último dos olhares que trocámos e nos substituiu as palavras nas noites dum inverno castigador... mas que sempre sorriu e se tornou aconchegante!
Depois, quando as nossas recordações fertilizarem no vazio dos caminhos que cruzarmos, mastigaremos das cearas que outrora juntos

plantámos e então saberemos apreciar a riqueza da nossa permanência e a razão do querer adiar o "adeus" que agora chegara. Um adeus que a saudade fará recordar, sempre que outro verão acordel...

SERENATA EM TOM MENOR

Hoje não trago rosas vermelhas!

Só um corpo amorfo, um ventre abafado,
uma fera ensonada, um poema sem rima
ou brilhoso!

Hoje não transporto flor alguma!

Só um beijo insípido, um abraço brando,
um sorriso morno, um olhar descolorido,
uma voz sem timbre!

Hoje nem uma folha carcomida me adorna!

Só um pranto seco, um soluçar-mudo, um
par de lágrimas em cristal gélido, uma
balada sem verso e sem calma, uma noite
inútil!

Hoje, mesmo assim, venho a ti porque
acredito!...

Hoje só ocupo as mãos com as tuas;
só os teus lábios me elevam!...

COMO PODEM CANTAR OS ANJOS

Como podem os anjos cantar, que festa os motiva, se as armas dos homens ecoam e gelam, ruidosamente, os gemidos de quem, com medo, reza?!
.

Como podem as árvores brilhar se, lá longe, onde o sol desperta, se teme o calor da liberdade, se chora e se morre onde a vida perpetua em sono eterno?!
.

Como podem os anjos cantar, como pode a luz ter brilho, se já nem a morte tem paz?!...

Se se amordaça o dia ao romper da manhã?!...

Se se esconde a vergonha entre cinzas de cristal?!...

Se o esquecimento for deixando apodrecer, lenta e em silêncio, a esperança de quem só quer estar vivo?!...

Como podem os anjos cantar, se não calarmos com melodias, com o timbre da nossa coragem, com a força da nossa voz, quem se eleva com armas na mão e sangue na alma?!
.

Como podem os anjos cantar sem que os vivos de Timor cantem

também... e os seus mortos repousem em paz, entre epitáfios de
esperança?!...

Como podem os anjos cantar se não entoar o amor na consciência
dos homens?

Como podem, assim, cantar os anjos, se os corações não escutam?!!

O MAIS SINGELO TROFEU

Fim de tarde. O sol recolhido. A noite ameaçava. A luz que sobrava permitia ainda um último olhar pelo horizonte. Ia-se um dia!...

Um passarinho, pleno de liberdade, desprezadamente descuidado, procurava, com a pouca luz que restava, migalhas que o dia lhe poupou e estendeu ao longo da estrada; ao longo dum chão que não podia ser dele!...

A coragem - que as aves transpiram - possuiu-o, a tentação obrigou-o... uma luz forte cegou-o!... O passarinho foi atropelado!

Não gritou, nem um gemido se ouviu! Ficou imóvel, estendido no chão já arrefecido, quase frio. A dor, só ele a consumia!... A noite surgiu.

Uma névoa escura pairou sobre o corpo inerte. Uma raiva inflamou-me a alma! O passarinho não podia morrer assim!... Não merecia o homem por carrasco!!!

Enlouqueceu-me o sobressalto. Corri desvairadamente para o levantar e socorrer. Peguei-o nas mãos. Sentí, ainda, o pulsar da sua dor! Quanta dor não sentiria!...

Acreditei na sua resistêncial... Não morre assim o mais puro reflexo da suavidade!

Numa fonte, incrivelmente perto, a água corria fria e, caprichosamente, limp! Como sabe a natureza ser justa!

Delicadamente, a medo, molhei o seu corpo frágil e dorido. Os seus olhos estavam fechados, como quem perdido num sono se distancia!

A água continuava a correr. O passarinho teimava na imobilidade. Eu continuava a não acreditar no seu fim!... Continuamente, molhava e acariciava o seu pequenino corpo!

No meu rosto uma lágrima, imobilizada, ia arrefecendo e cristalizando, solidária e enternecida com o, aparente, sono do passarinho. Que hino silencioso me cercava!

Na fonte, com indiferença denunciada, a água corria e salpicava no chão. A noite arrefecia. A minha esperança permanecia viva e inquietal!

Continuava a humedecer o corpo morno que na minha mão continuava imóvel e sereno.

Por instantes, imaginei um bando de aves voando em meu redor. Não havia sintonia, qualquer coisa atrofiava aquele voo! Acordei e acreditei que aquele passarinho ia voltar a voar... e a brindar o seu bando! Que prémio teria o Céu!

A minha mão sentiu convulsões!... Um calor ríspido estendeu-se pelo meu corpo!... O meu olhar incendiou!... O passarinho deu prova de vitalidade! Teimou em não querer morrer pelas minhas mãos!!!...

Movimento após movimento, o passarinho abriu os pequenos e negros olhos. Quase sorri! Eu sorri de verdade!

Voltei com ele. Durante longos momentos acompanhei, delicadamente, todos os seus movimentos. Começou por ficar inquieto, atrevido, impaciente... saudosos por voar!...

Olhei-o... e devolvi-o à liberdade!...

ÍNDICE

| | |
|----------------------------------|----|
| PREFÁCIO | 7 |
| VIAGEM | 13 |
| SONHO EM HORA DE PONTA | 14 |
| OLHAR, FUSÃO | 15 |
| BEJOS QUE ME CALARAM..... | 16 |
| MENINA EM FLOR | 17 |
| MULHER DO MINHO | 19 |
| CAIS DA PARTIDA | 21 |
| MARIAMAR..... | 23 |
| SONHO APENAS | 25 |
| O CAIS DOS TEUS OLHOS | 28 |
| VEM | 30 |
| À NOITE | 32 |
| SEMPRE O TEMPO | 34 |
| ENQUANTO A CHUVA CAI | 36 |
| MEMÓRIA | 38 |
| TAL COMO AMANHÃ | 39 |
| VERÃO, DEUS E SAUDADE | 41 |
| SERENATA EM TOM MENOR | 43 |
| COMO PODEM CANTAR OS ANJOS | 45 |
| O MAIS SINGELO TROFEU | 47 |

COMPOSIÇÃO
Rabisco, Gabinete de Composição Gráfica, Lda.
4700 Braga

IMPRESSÃO
Barbosa & Xavier, Lda.
4700 Braga

O verdadeiro poeta dá sinais da sua existência onde quer que esteja. Prova-o Sonho em Hora de Ponta. É gratificante ver e sentir que ainda há quem viva para o espírito e coloque acima dos problemas do dia a dia a necessidade de comunicar e transmitir os anseios da alma. Com a esperança de que o João Luís vai continuar...

ASSIS CAMPOS

A poesia de João Luís enaltece o pulsar da vida na grandiosidade das coisas simples. É toda ela "de" "para", a ritmo constante sem grandes quebras, sem grandes sobresaltos. Canta o amor com palavras vivas retratando ora um "idealismo sensorial" doseado de optimismo ora o quotidiano vivido à mercê da sua sensibilidade poética, amadurecida no interior do Minho, onde a verdade é mais transparente; onde as vivências, porque mais profundas, mais perduram no tempo.

MARIA OLINDA S. MARQUES



João Luís da Cunha Dias, natural e residente em Terras de Bouro, Braga.

Em 1988 editou o seu primeiro livro — ECOS DUM SILÊNCIO. Colabora, sem regularidade, através de envio de trabalhos de várias modalidades literárias, com a RFM / Rádio Renascença - -programa "Serra de Estrelas" e com diversos jornais da região.

Desde cedo se movimenta entre iniciativas de âmbito cultural, escrevendo peças de teatro, que encena e ensaia e, simultaneamente, efectuando composições musicais.

O colorido do Minho é o seu maior fascínio.

A vida é a sua motivação.